

KEYNES REVISITADO

“Keynes voltou à moda depois da crise financeira mundial de 2008, para desalento daqueles que acreditavam tê-lo fulminado a golpes de Milton Friedman durante as três décadas de supremacia do neoliberalismo”, sentencia o jornalista Sergio Liro, no texto que abre o livro em que o economista Luiz Gonzaga Belluzzo se dedica a revisitar o pensamento de John Maynard Keynes, à luz da discussão econômica da atualidade.

Composto por doze capítulos, distribuídos em pouco mais de cem páginas, o ensaio produzido por um dos mais reconhecidos estudiosos da teoria keynesiana no Brasil perpassa pelas principais obras escritas pelo economista inglês que influenciou decisivamente o pensamento político e a formulação econômica em muitas nações a partir da primeira metade do século passado. No livro, Belluzzo disserta sobre a atualidade da leitura de Keynes.

“No seu estilo peculiar, avesso aos cacoetes da linguagem usual dos economistas, Keynes desenha as possibilidades econômicas dos 100 anos seguintes”, explica o economista brasileiro, em uma das passagens do livro. “Na visão do autor [Keynes], o capitalismo, impulsionado pelo avanço tecnológico e pela rápida acumulação produtiva, criou as condições para a superação das limitações impostas milenarmente à satisfação das necessidades básicas. Essa vitória sobre a escassez acenou com a fruição de uma vida boa, moral e culturalmente enriquecedora para homens e mulheres. No entanto, em sua maníaca obsessão pela acumulação monetária, o capitalismo cria tantos problemas quanto os que consegue resolver”.

Na análise trazida pela obra, sucinta, porém densa e completa, retomam-se escritos do economista inglês acerca de temas como poupança e investimentos

e se desconstrói, sob o influxo da obra de Keynes, argumentos amplamente reproduzidos acerca do capitalismo e de sua manutenção. O livro pretende demonstrar a atualidade do keynesianismo para enfrentar não só as crises financeiras, como também toda a barbárie perpetrada em nome do dinheiro e do lucro.

“O amor ao dinheiro, dizia Keynes, é o sentimento que move o indivíduo na economia mercantil-capitalista. A acumulação de riqueza é benfazeja quando dirigida ao progresso material das comunidades e à disseminação dos confortos e facilidades da vida moderna. No entanto, fator de progresso e de mudança social, *the love of money* termina por degenerar em vício e tormento para o homem moderno”, explica Belluzzo.

Uma das contribuições da obra é também apresentar um Keynes que não pode ser facilmente enquadrado como autor de um ou outro campo político. Um exemplo, anota Belluzzo, é que “Keynes era intolerante com a hipocrisia das classes dominantes, mas guardava uma distância aristocrática em relação às classes subalternas”. Ou ainda, “de-sejava a igualdade, mas repudiava o igualitarismo que atribuía aos benthamitas e marxistas”.

Em outro trecho importante para a compreensão da personagem, Belluzzo apresenta um recorte do manifesto em que Keynes justifica sua adesão ao Partido Liberal:

“Qual é a verdadeira repulsa que me mantém afastado do Partido Trabalhista? Eu não posso explicar isso sem abordar minha posição fundamental. Eu acredito que no futuro, mais do que nunca, questões sobre a estrutura econômica da sociedade serão de longe os temas políticos mais importantes. Eu acredito que a solução correta envolverá elementos intelectuais e científicos que estarão acima da compreensão da vasta massa de eleitores mais ou menos iletrados. Agora, numa democracia, todo partido depende dessa massa de eleitores cuja capacidade de compreensão é baixa, e nenhum partido atingirá o poder sem ganhar a confiança desses eleitores por meio de sua persuasão em termos gerais, no tocante à intenção de promover seus interesses ou gratificar suas paixões.”

Leitura instigante e indispensável.



O tempo de Keynes nos tempos do capitalismo
Luiz Gonzaga Belluzzo
Contracorrente, 120p, 2016.